

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA –
CONTURBADOS ANOS 30 NA AMÉRICA DO NEW DEAL
COM O APOIO DA FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O
DESENVOLVIMENTO E A COLABORAÇÃO ESPECIAL DO DEPARTAMENTO DE
CINEMA DO MOMA
19 de outubro de 2023

SESSÃO DE ABERTURA DO CICLO

PASSAIC TEXTILE STRIKE / 1926

Um filme de Samuel Russak

Realização: Samuel Russak / Argumento: Margaret Larkin / Direção de Fotografia: Lester Balog, Sam Brody, Bill Schwarzfeller / Produção: Alfred Wagenknecht, International Workers Aid / Participações: George Ashkenudse, John J. Ballam, Lena Chernenko, Gustav Deak, Thomas DeFazio, Robert Dunn, Elizabeth Gurley Flynn, Leo Krzycki, Joseph Magliacano, Clarence Miller, Ella Reeve, Jack Rubenstein, Leona Smith, Norman Thomas, Alfred Wagenknecht, Albert Weisbord, Ellen Wilkinson, Martin Winkler / Cópia: 16mm (e bobine 5 em DCP), a preto e branco, mudo com intertítulos em inglês e legendas eletrónicas em português / Duração: 64 minutos / Estreia Mundial: Outubro de 1926, Passaic, Nova Jérсия / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Aviso: a quinta bobine deste filme com um total de sete bobines, dado ao dia de hoje como incompleto, foi localizada e digitalizada. Esta será mostrada separadamente e após a projeção em película de uma versão do filme em que falta essa bobine e aquela que permanece por localizar: a sétima e última.

Sessão com apresentação.

No princípio, eram os trabalhadores têxteis de Passaic, Nova Jérсия. Talvez seja esta a grande “potência” deste filme: parece que tudo cabe – porque se antecipa – aqui, no corajoso movimento popular que se co-moveu com a causa de operários com cada vez mais degradantes condições de trabalho. Uma América em marcha e um documentário a acompanhar-lhe o passo. Mas não o documentário em sentido tradicional, na senda das então usuais “atualidades”: **Passaic Textile Strike** é, também, uma ficção do real, a tirar partido do momento histórico e sabendo que há boa arte e que há boa propaganda ou, enfim, que boa arte é boa propaganda, para citar a famosa frase do “realizador de Franklin Delano Roosevelt”, Pare Lorentz («Good Art, Good Propaganda», publicado originalmente na McCall’s, em julho de 1940). E que não há arte ou propaganda sem *pathos* ou, enfim, drama.

Filmado *in loco* por Sam Russak, um fotógrafo profissional com alguma experiência no cinema, mas fundamentalmente um apoiante fervoroso dos grevistas de Passaic, a produção desenrolou-se com os próprios trabalhadores a servirem de atores “ao serviço” da sua história (a história que conta e canta uma causa maior, em defesa dos direitos mais básicos de trabalho e de reunião face à discricionariedade do poder dos industriais).

Passaic Textile Strike resulta de uma engenhosa combinação de facto com ficção, algo que fará “a marca” do documentário americano no período do New Deal, a partir de coletivos, artisticamente ativos e politicamente engajados, tais como a Film and Photo League (cofundada por dois “câmaras” deste filme, Lester Balog e Sam Brody), a NYkino e, por fim, a Frontier Films. De **Millions of Us. A Story of Today** (1934), de Tina Taylor e Slavko Vorkapich (“Jack Smith”), realizado para a American Labor Films Inc., a **Native Land** (1942), de Leo Hurwitz e Paul Strand, realizado no âmbito do Frontier Films, várias são as “experiências da esquerda laboral com formas encenadas”, para citar Tanya Goldman e Spencer Nachman («From the LOC vaults: American Labor short: MILLIONS OF US (1935)», *Orphan Film Symposium*, 17 de outubro de 2017).

O prólogo de **Passaic Textile Strike** conjuga o melhor do realismo norte-americano, de Erich von Stroheim e King Vidor, com o que se fazia, então, na União Soviética, em dramas lancinantes, de alto teor experimental ao nível das formas (aprecie-se o ritmo galopante da montagem), de Serguei M. Eisenstein (**Stachka/A Greve** [1925]) e Vsevolod Pudovkin (**Mat/A Mãe** [1926]), temperado ainda com o *pathos* e a atitude humanista dos pioneiros Charles Chaplin (**A Dog’s Life** [1918]) e Lois Weber (**Shoes** [1916]) ou com o sentimento de revolta, face aos intoleráveis abusos cometidos pelos detentores do capital, presente nos filmes “marxistas” de D. W. Griffith (**A Corner in Wheat** [1909]). A história da família Breznac, imigrantes polacos à procura da felicidade na “Terra das Oportunidades”, serve de microcosmos para muitas das dificuldades por que passavam à época várias famílias de trabalhadores têxteis, em Passaic (e não só): salários baixos, excesso de horas de trabalho, abusos constantes cometidos pelos superiores hierárquicos, falta de condições sanitárias no trabalho e em casa... fatores que só contribuíram para o desespero, a doença e, enfim, a revolta. Depois do prólogo, em que os acontecimentos se sucedem a uma velocidade alucinante até chegarem a um desenlace trágico, **Passaic Textile Strike** mostra-nos como os trabalhadores se organizaram para dizer, alto e bom som, “Basta!”

Esta “história dos nossos dias” é sintomática daquilo que foi o papel do cinema durante os anos mais quentes da Grande Depressão: não somente um cinema a documentar a aflição da classe trabalhadora face aos números históricos do desemprego (“de 1929 para 1932, o desemprego passa de três por cento para vinte e cinco por cento da população ativa, e no seu pico, em 1933, atinge treze milhões de Americanos”, lê-se em *Atlas Histórico dos Estados Unidos da América* de Lauric Henneon), pois era a própria classe trabalhadora que usava o cinema como instrumento de denúncia, como arma política de mobilização pública (o alcance da mensagem, mas sobretudo o seu impacto, devido ao próprio dispositivo dramático, era incomensuravelmente superior às pequenas publicações de esquerda distribuídas à época, que em pouco ou nada conseguiam disputar o *agenda-setting* dominante, que evitava enfrentar a realidade das ruas). O subtítulo deste filme *agitprop* é “The Battle for Life of the Workers who make the cloth that clothes you” e, nele, as palavras de ordem sucedem-se, sendo a principal – e mais urgente (não são filmes sobre o presente, são filmes que projetam soluções, orientando-nos, a nós, espectadores, para a possibilidade de uma mudança) – a exortação: “organizem-se!”

Que se organizem os desorganizados, os “danados da vida” esquecidos pelas instâncias governativas, espezinhados e maltratados pelos industriais e seus braços armados. A polícia surge, como voltará a surgir em **Native Land**, com laivos de “força de bloqueio” (um documentário como **Harlan County U.S.A.** [1976] de Barbara Kopple mostra

como o direito à greve e à manifestação na América [e se calhar no dito mundo democrático] é uma história de pequenas conquistas e constantes retrocessos). A união faz a força! Esta obra semificcional, semidocumental, com a chancela da International Workers Aid (que também distribuiu cinema soviético na América), enfim, *completamente embrenhada na realidade do seu tempo*, parece participar do desejo de criação de uma grande internacional dos trabalhadores, apoiada, entre outros movimentos políticos, pelo American Labour Movement e pelo Partido Comunista Americano, mas também participada por movimentos de esquerda estrangeiros. O que se documenta aqui é um desses raros “momentos decisivos”, na história da América, em que uma efetiva mudança política à esquerda se afigurou possível. No livro *Behind the Mask of Innocence*, o historiador e cineasta Kevin Brownlow refere-se a **Passaic Textile Strike** como “um filme de massas verdadeiramente à maneira comunista, o primeiro filme do género a ser feito na América”. No princípio, era mesmo **Passaic Textile Strike**. Definitivamente, é por aqui que devemos começar.

A passagem da quinta bobine – uma descoberta de um filme que, narra Brownlow no seu livro, esteve durante anos dado como completamente perdido – é significativa, além de histórica, porque dá particular importância ao papel ativo dos sindicatos e do General Relief Committee na assistência às famílias, nomeadamente no combate à mortalidade infantil. O *slogan* “as crianças em primeiro lugar” é consubstanciado em medidas tão variadas como a constituição de escolas ao ar livre ou a capacitação de parques onde os petizes possam brincar, praticar desporto e tomar duches frios: “healthy fun”, lê-se num dos intertítulos escritos por Margaret Larkin. Esta bobine é especialmente importante, não só pelo aspeto humano do projeto social e político “em curso”, como pelo facto de o próprio filme se ter destinado, especialmente, ao apoio aos filhos dos grevistas. Conta, finalmente, Brownlow: “O auditório de Kanter em Passaic estava à pinha para a primeira exibição pública, em outubro. Os lucros destinavam-se ao apoio às crianças dos grevistas.”

Luís Mendonça